

# A Educação Feminina no Brasil ao final do século XIX

*Elomar Tambara\**

## **Resumo**

Este ensaio tem como objetivo investigar as concepções ideológicas em relação à educação da mulher no século XIX no Brasil.

A tese é de que a partir do trabalho de Nísia Floresta “Opúsculo Humanitário” (1853) constrói-se uma concepção hegemônica de cunho conservador em relação ao papel da mulher na sociedade brasileira cujo exemplo é o trabalho de Tito Livio de Castro “Sociogênese da Mulher (1892).

Entretanto esta hegemonia não foi conseguida sem uma forte disputa e que é evidenciada neste ensaio com a coletânea de textos publicada por Francisco Bithencourt em 1881 por ocasião da inauguração da aula feminina no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro .

**Palavras Chaves:** História da Educação; Educação da Mulher.

## **Abstract**

This essay aims at investigating the ideological conceptions concerning women's education in the XIX century in Brazil. The thesis we defend is that after the work by Nisia Floresta - “Humanitarian Opusculum” (1853) - a conservative hegemonic conception is built in the field. The example of such a conception is the work by Tito Livio de Castro - “Women's Sociogenesis”(1892). A dispute process is shown in the “Collection” of texts on women's education published by Francisco Bithencourt - “Polyanthéa.”(1881) - at the time of institution of female classes at Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro.

**Key words:** History of Education; Women's Education.

---

\* Prof. Faculdade de Educação da UFPel  
Rua Almirante Barroso, 1734  
96010-280 Pelotas - RS  
Fax (0532) 254573

Muitos estudiosos têm investigado a natureza das concepções teóricas do final no século XIX no Brasil (COSTA, 1956; BARRETO & PAIM, 1981) e os posicionamentos das mesmas em relação ao lugar da mulher na sociedade brasileira (SAFFIOTI, 1979; HAHNER, 1981; TELES, 1993; PEIXOTO, 1936).

Mesmo assim, acreditamos haver lacunas que precisam ser preenchidas. Neste sentido, revisitar este período significa também contribuir para a compreensão do processo de constituição da "situação da mulher" no século XX no Brasil.

É nosso objetivo neste trabalho evidenciar o processo de construção de uma determinada concepção ideológica em relação à mulher ao final do século XIX com matizes tipicamente conservadores e em consonância com a sociedade urbano industrial em formação.

O final do século XIX foi pródigo em iniciativas com cunho de transformação social. Reflexo, de certa forma, da própria consolidação do sistema capitalista de produção, e por via de consequência, das "solicitações" que esta forma de organização social historicamente contém em sua estruturação, manutenção e reprodução ampliada.

Em termos ideológicos, destacavam-se três correntes que, direta ou indiretamente, constituíram o substrato ideológico da sociedade em transformação: o liberalismo, o positivismo e o ultramontanismo.

Em antagonismo surgiram ou consolidaram-se alguns paradigmas que rivalizaram com os anteriores em maior ou menor grau na disputa pela hegemonia ideológica: o socialismo utópico, a social-democracia, o anarquismo, e o comunismo.

Uma questão que perpassou, de certa forma, todas estas propostas de organização social foi a da educação e, particularmente, a da educação das mulheres.<sup>1</sup>

Esta situação assumiu proporções significativas neste período em função das novas demandas sociais oriundas das transformações no modo de produção vigente.

Antevendo este quadro social, muitos pensadores divisaram nas brechas, que inevitavelmente surgiriam, a possibilidade da ampliação do espaço social ocupado pelo segmento feminino na sociedade.

Não resta dúvida que, em um primeiro momento, estas possibilidades limitaram-se à área de atuação da mulher burguesa, mas, não podendo ser

---

<sup>1</sup> Entre outros: BEBEL, Augusto. A mulher ante o socialismo; MILL, John Stuart. A escravidão feminina; BAZAN, Emilia Pardo. La educación del hombre y de mujer; sus diferencias; AZEVEDO, Josefina Alvares de. A mulher moderna - trabalhos de propaganda.

represadas em seu avanço, terminaram por atingir a todos os segmentos da sociedade.

No sentido de amainar este avanço, difundiu-se a concepção de mulher como "potência civilizadora", como a "redentora". Estabeleceu-se o mito de que "*por trás de qualquer grande homem existe uma grande mulher*". Nestes termos as mulheres foram induzidas ideologicamente a superdimensionarem um poder que em verdade não possuíam.

" é a idéia muito difundida de que as mulheres puxam os fios dos bastidores, enquanto os pobres homens como marionetes mexem-se na cena pública" (PERROT, 1988 ,p. 150)

Acentuaram-se os papéis sexuais com características bem definidas atribuindo ao homem capacidades de decisão, inteligência, força, racionalidade, etc, e à mulher espiritualidade, sensibilidade, moralidade, etc.

" O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase pré-determinado, até em seus detalhes.(idem, p. 178) ...Esboça-se um triplo movimento no século: relativo retraimento das mulheres em relação ao espaço público; constituição de um espaço privado familiar predominantemente feminino; superinvestimento do imaginário e do simbolismo masculino nas representações femininas...(idem, p.180)

Entretanto, mesmo predominando as concepções analisadas por Perrot, não se pode esquecer que, no Brasil, assim como na Europa, não foram poucas as manifestações de educadores que divisaram para as mulheres um papel diferente.

No Brasil, apesar da consolidação do modo de produção capitalista de forma tardia, nota-se que as repercussões das concepções ideológicas dominantes, em nível mundial, eram tão ou mais intensas que em sua matriz. Particularmente o liberalismo e o positivismo conseguiram consolidar-se como concepção de mundo hegemônica ao final do século, fundamentalmente com um posicionamento anti-monarquista.

A rigor, as grandes discussões da sociedade brasileira no final do século XIX restringiram-se a fenômenos derivados de resquícios de modos de produção pré-capitalistas, basicamente a questão do abolicionismo sob o qual gravitava a preocupação de significativas parcelas das elites brasileiras, e num plano inferior, a questão religiosa, a questão militar, e a questão imigratória.

Embora não constituindo um efetivo movimento social, a questão da educação da mulher aparece na pauta das preocupações de muitos estudiosos no Brasil, no séc. XIX. Entre estes destacam-se Francisco Bithencourt, Nisia Floresta e Tito Livio Castro.<sup>2</sup>

Estes três autores representam momentos específicos da evolução do processo de formação da educação da mulher no Brasil na segunda metade do século passado.

Nesta investigação pretendemos mostrar o caráter precursor de Nisia Floresta em termos de educação feminina e o desideratum de seu trabalho na obra de Tito Livio de Castro consubstanciada num posicionamento ideológico de cunho conservador relativamente eclético no qual insere-se elementos positivistas, evolucionistas, liberais, ultramontanistas, etc. decorrente do cadinho que era a postura em meados desta segunda metade representada aqui pela "coletânea" organizada por Bithencourt.

Nesta obra destacam-se os vários paradigmas em disputa quanto a natureza da inserção da mulher na sociedade em transformação.

A compreensão da importância da contribuição destes autores precisa ser avaliada na época em que foram elaboradas e para a qual significavam propostas verdadeiramente transformadoras, contrastando com a prática então dominante.

Outro aspecto relevante é que a par, com a contribuição teórica sobre educação feminina, estes autores, mormente Bithencourt e Nisia Floresta singularizaram-se por colocar na prática suas concepções de educação para meninas ao fundarem e dirigirem estabelecimentos de ensino com este objetivo.

No Primeiro Império, o sistema educacional brasileiro estruturava-se de forma federativa, e quando visto em sua forma constitucional parecia atender aos interesses da nação, como analisou um de seus defensores.

" O ensino seria ministrado indistintamente e sem ônus para os pobres. O Estado comprometia-se a propagar instrução em seus diversos graus - primário, secundário, superior, técnico e artístico. Em auxílio do elemento central formaram as leis orgânicas, que definiram as atribuições dos conselhos gerais das províncias e das câmaras provinciais e das camaras municipais, obrigando-os a zelarem também a distribuição do ensino. A coparticipação das

---

<sup>2</sup> Além destes, sem dúvida, poderíamos ter usado outros trabalhos de nomeada como por exemplo: BARRETO, Tobias. A alma da mulher ; AZEVEDO, Josefina Alvares de. A mulher moderna. Trabalhos de propaganda; ABREU, Luciana Teixeira de. Educação das mães de família; VILLEROY, Frederico ernesto Estrela de. A missão da mulher.

assembléias locais produziu resultados ótimos dos quais não foi certamente menos importante o desastro razoável das atribuições. A assembléia geral coube legislar sobre a instrução primaria, secundaria e superior; aos conselhos gerais incumbiu-se a tarefa sob caução do poder legislativo, de rezolver e votar a criação de estabelecimentos de ensino nas zonas rupertinas; as câmaras municipais encarregaram-se da inspenção das escolas primarias. O ato adicional completou a entrozagem geral do ensino. Foi transferido as assembléias provinciais o encargo de legislarem a respeito da instrução primaria, segundo o art 10 parágrafo 11 de lei de 12 de agosto de 1834, de orientarem, com o auxflio da Assembléia Geral, dentro o de certos limites, o ensino secundário e superior (GUIMARÃES, 1907, p. 15))

Em verdade, o autor apresentou um diagnóstico que não corresponde à realidade do que aconteceu no Império brasileiro em termos de educação. Esta harmonia somente ocorreu nas proposições legais, pois na prática revelou-se o descaso com que a educação era vista.

O Segundo Império não apresentou um quadro diferente. Apesar de esporádicas iniciativas no sentido de implantar algumas reformas não ocorreram mudanças significativas a ponto de caracterizar um padrão educacional diferente do período anterior.

Mesmo assim, no final do Império ocorreu uma série de transformações sociais que indicavam claramente a gênese de uma organização social nova. Novas idéias começavam a circular arejando as formas tradicionais de conceber o mundo e as coisas. O liberalismo, o positivismo, o abolicionismo, etc. paulatinamente passaram a ocupar maiores espaços no espectro ideológico do pensamento brasileiro, corroendo as bases que sustentavam a sociedade monárquico-escravocrata.

Entre estas mudanças sociais uma que assumiu conotações específicas com a área educacional foi o processo de "emancipação feminina". Em meados do século passado a concepção de "libertação" da mulher através da educação passou a cativar cada vez mais adeptos. E tanto teórica como com iniciativas concretas várias pessoas passaram a defender alternativas que visassem a implantação desta idéia.

No final do Império, o sistema educacional estava sob a direção e implantação das províncias, com exceção do "município neutro". Salvo o ensino superior, todos os outros tipos de estabelecimentos educacionais dependiam dos governos provinciais e municipais.

"Nossas municipalidades e sobretudo nossas províncias, tem liberdade para escolher o pessoal docente, fixar programas adotar métodos e criar escolas. Não lhes impõe o Estado qualquer pressão administrativa, qualquer direito de inspeção. Os exames que exige dos candidatos de qualquer proveniência que se queiram inscrever nos estabelecimentos de ensino superior são o único meio que se reservou para influir sobre a instrução primária e secundária" (SABOIA, p. 257)

Esta última questão demonstra cabalmente o caráter elitista da educação brasileira pois evidencia a preocupação de fiscalizar o acesso ao nível superior, enquanto que os outros graus ficavam num segundo plano.

Deste modo, não havia preocupação em expandir a rede de ensino particularmente a profissionalização através do "ensino superior", para atender aqueles segmentos culturalmente marginalizados (os pobres, os negros e as mulheres, por exemplo).

Todo o sistema baseava-se no processo de equiparação ao colégio padrão: o "O colégio imperial de D. Pedro II" no Rio de Janeiro.

Sendo que na área de ensino básico ainda havia possibilidade da mulher adquirir instrução em algum estabelecimento público, mas com relação ao 2º grau este só era oportunizado, a rigor, nos estabelecimentos particulares e mesmo assim com muita parcimônia ( MOACYR, 1936; SAFFIOTI, 1979; ALMEIDA, 1889; TAMBARA, 1995).

Decorreu deste aspecto, talvez, a admiração de Nísia Floresta pelas instituições particulares de ensino em termos de educação para meninas. "*Sempre divergimos das que preferem a educação pública a particular para meninas principalmente*"(p.90)

No Brasil, uma das primeiras educadoras que sistematizou sua concepção com relação à "educação do sexo" foi Nísia Floresta.

Constitui-se evidentemente um caso marginal em sua época. Foi uma mulher de larga circulação nos círculos intelectuais da Europa tendo inclusive estabelecido relações com Comte e que se torna a partir de então seu mentor intelectual.

Em termos educacionais Nísia Floresta fundou um colégio para meninas em Porto Alegre e posteriormente transferiu-o para o Rio de Janeiro. Para meados do século XIX as idéias sobre educação da mulher e sobre a mulher em geral estava a elaboração teórica de Nísia no limiar da "consciência possível" daquela sociedade. A obra que utilizamos ( Opúsculo Humanitário) foi editada em 1853.

Propugnava a ocupação de novas funções sociais caracterizando um posicionamento-chave na postura perante a questão da educação da mulher na qual entendia "*não ser a mulher somente destinada a guardar os rebanhos, a preparar a comida e a dar a luz a sua posteridade*". (p. 3)

Apesar de reconhecer o empenho de "homens pensadores" em harmonizar a educação das mulheres com o desenvolvimento da humanidade, Nísia Floresta ressaltava que muito pouco estava sendo feito para a efetiva transformação do processo educativo da mulher.

"Nada porém, ou quase nada temos visto fazer-se para remover os obstáculos que retardam os progressos da educação das nossas mulheres a fim de que elas possam vencer as trevas que lhes obscurecem a inteligência e conhecer as doçuras infinitas da vida intelectual a que tem direito as mulheres de uma nação livre e civilizada" (FLORESTA, p. 44)

Nísia não escapa da ênfase na questão da moralidade atribuindo à mulher a função de estabelecer, por princípio de conduta, a humanidade. "Mais de um moralista tem estabelecido o princípio que julgamos ter já demonstrado, isto é, que a educação da mulher muita influência tem sobre a moralidade dos povos e que é o elo característico mais saliente de sua civilização" (FLORESTA, p. 46)

A tradição de desprezo com relação ao ensino às mulheres que grassa no Brasil decorre da herança da metrópole onde a "educação do sexo" sempre foi colocada em um segundo plano.

As atividades das mulheres brasileiras são vistas como alienantes não caracterizando uma efetiva participação no processo produtivo.

"Saber habilmente manejar os bilros com que faziam grosseiras rendas, girar o fuso para reduzir o algodão a grosso fio, pegar na agulha sem o conhecimento dos delicados trabalhos que dela se podem obter, conhecer o ponto de calda para as diferentes compotas e doces secos, laborar a lançadeira do tear, bambolear a pequena urupema e a fina peneira para preparar depois as massas, colorir as escamas dos peixes ou adaptar as variedades penas dos lindos passaros tropicais a simetria das flores que fabricavam com umas e outras etc. tais eram geralmente as ocupações que revelavam talento da jovem brasileira" (FLORESTA, p. 54-5)

Nísia possuía uma noção relativamente precisa dos interesses envolvidos no tradicional descaso com que era tratada a educação em geral, particularmente a "educação feminina". Ao governo, não convinha a

universalização da instrução uma vez que esta poderia levar ao aparecimento de focos de questionamento da ordem social vigente.

"Quanto mais ignorante é um povo tanto mais fácil é a um governo absoluto exercer sobre ele o seu ilimitado poder.

É partindo deste princípio, tão contrário à marcha progressiva da civilização, que a maior parte dos homens se opõe a que se facilite à mulher os meios de cultivar o seu espírito. Porém este é um erro que foi e será sempre funesto à prosperidade das nações como à ventura doméstica do homem." (FLORESTA, 1988, p.60)

Uma das questões que preocupavam Nísia era a qualificação das professoras que, de modo geral, não preenchiam as condições necessárias a um bom exercício do magistério. Esta situação era mais grave na rede pública de ensino onde não havia a pressão da concorrência de mercado que apesar dos pesares contribui para um esforço maior no sentido de oferecer uma imagem de competência pedagógica.

Daí o descrédito em que caíram as escolas públicas de instrução elementar frequentadas somente, ainda hoje, por meninas a cujos pais falecem os meios de as mandar às escolas particulares, posto que, em geral, as diretoras destes não sejam mais capazes de corresponder à sua expectativa. Mas, ao menos, estas se esforçam por adquirir uma reputação de que depende o progresso de seus estabelecimentos, enquanto que as outras, certas do ordenado que percebem, sem embargo do número de alunas não curam de aumentar essa reputação que julgam, além disso ter bem firmado perante o ilustrado auditório que assistiu a seus exames" (FLORESTA, p. 71)

Apesar da predileção pelas escolas particulares, Nísia defende uma participação mais efetiva do Estado no controle do tipo de educação ministrada nas escolas particulares no sentido de garantir um nível mínimo de qualidade de ensino. Nesta perspectiva, questiona a forma essencialmente mercantil com que é tratada educação no Brasil.

"Uma casa de educação entre nós é em geral, uma especulação como qualquer outra. Calcula-se de antemão o número dos alunos prometidos ou em perspectiva, as vantagens que podem resultar de uma rigorosa economia, em que por vezes a manutenção daqueles é comprometida. Fazem-se ostensivos prospectos e conta-se com a credulidade do público, sempre solícito em acolher sem exame tudo



o que tem a aparência de novidade e de ostentação" (FLORESTA, p. 78)

A discriminação pelo "sexo" é extremamente acentuada e, de modo especial, se verificava nos estabelecimentos particulares.

"Não somente os que pertencem no sexo são em muito menor número, mas também não oferecem geralmente um estudo regular do ensino secundário, ensino vedado ainda hoje às nossas meninas em estabelecimento público. E, nos particulares, nenhuma aula existe de alguns dos ramos das ciências naturais, cujo estudo tão agradavelmente e útil seria às mulheres que nascem, vivem e sentem no meio da nossa rica natureza tropical" (FLORESTA, P. 86-7)

Consciente da omissão do governo defende maior participação da iniciativa particular no sentido de preencher esta lacuna deixada pelo governo. (idem p. 87)

A luta maior de Nísia voltou-se para o combate aos pré-conceitos com relação à educação das mulheres.

"Era quase geral a opinião como dissemos, que a instrução intelectual era inútil quando não prejudicial, às meninas. (FLORESTA, p. 65)

A exemplo de seu mentor intelectual, Augusto Comte; Nísia Floresta defende a posição de que a *"educação dirigida pelas próprias mães, quando estas possuem os predicados para bem desempenharem tão difícil tarefa"*(p.89) oferece vantagem quanto à oferecida em estabelecimentos formais de ensino.

"Uma mãe bem educada e suficientemente instruída para dirigir a educação de sua filha obterá sempre maiores vantagens, aplicando-se com terna solícitude a inspirar-lhe como emulação o sentimento da própria dignidade, que qualquer diretora não conseguiria obter de suas educandas" (FLORESTA, p.9)

Uma questão efetivamente revolucionária em Nísia é a concepção de integração entre educação e trabalho. Entendia ela que desde tenra idade deveriam, as meninas, habituarem-se ao trabalho. Não devemos nos esquecer que no século passado às mulheres propunha-se, ideologicamente, um posicionamento de repulsa ao trabalho manual, considerado como algo indigno e que deveria ser feito pelos escravos.

Deviam então as mães habituar suas filhas ao "trabalho, apresentando-o como uma virtude necessária em todos os estados da vida,

qualquer que seja a opulência do indivíduo, e não digno do desdém com que o olham certas classes" (Idem, p.113)

No trabalho de Nísia nota-se com clareza a gênese de uma série de concepções em relação à formação da mulher que indicam uma ruptura em relação àquilo que tradicionalmente ocorria na ordem aristocrática-escravagista vigente.

A rigor, indica que em meados do século passado se acelera um processo de redimensionamento do espaço feminino na sociedade e para o qual vários projetos ideológicos se materializaram.

Ao final do século, podemos ver que o que obteve a hegemonia foi um modelo eclético, mas com dominância de aspectos oriundos do positivismo e do evolucionismo social de cunho spenceriano, cujo representante elegemos Tito Lívio de Castro consubstanciado em sua obra "Sociogenese da Mulher" escrita em 18923. A grande contribuição deste autor é a da desmistificação da vocação feminina. Defende a posição de que a situação inferiorizada da mulher se deve, fundamentalmente, a uma evolução menos acelerada do cérebro da mulher, de origem quase que exclusivamente social, e que poderia ser recuperada pela hereditariedade e pela educação.

Com uma visão sob forte influência Darwinista, Tito Livio Castro mostra a educação da mulher como condição "sine qua non" à evolução da humanidade. Atribui, fundamentalmente, a posição da mulher na situação de inferioridade em que se encontra às características sócio-genéticas da evolução da mulher. Neste sentido, segundo ele:

"Educar a mulher é intervir na seleção humana, é dirigi-la no sentido da evolução mental" (CASTRO, p. 359)

Para Tito Lívio de Castro, a mulher possui um cérebro menor e é socializada para ocupar um local de subordinação na organização social e familiar: dois aspectos perfeitamente reversíveis através da educação e da hereditariedade. Em termos científicos, nada existe que comprove uma eventual inferioridade mental de mulher com relação ao homem.

"O cérebro feminino só espera o fermento da educação para evoluir. Educada a mulher, organizada a seleção intelectual, a única rigorosamente compatível com a vida de uma espécie que existe pela inteligência, estarão para sempre rotas as cadeas que prendem a espécie e a sociedade ao passado remoto ... (CASTRO , p. 405)

<sup>3</sup>Discordo de uma interpretação, que considero muito rigorosa, da postura ideológica de Tito Livio de Castro, que considero muito mais spenceriana do que lamarkiana ou mesmo "haeckeliana"

Assim, devido a uma aceleração maior da evolução do cérebro da mulher, esta deve equiparar-se ao homem.

A educação da mulher proposta por Tito Livio tinha em vista as novas formas de produção que penetravam na sociedade com a introdução da maquinaria e que acabariam por transformar radicalmente o perfil do trabalho necessário às indústrias.

As consequências das transformações no sistema de produção preocupavam Tito Livio, pois com o incremento tecnológico, milhões de trabalhadores teriam seus empregos eliminados.

Da mesma forma com relação à mulher, pois algumas de suas "virtudes" profissionais seriam superadas, e a maquinaria obrigaria a reciclagem da força de trabalho feminina. A mulher deveria aproveitar estas transformações sociais para recuperar o terreno perdido.

Tito Livio de Castro não tinha ilusões em relação à educação em voga naquela época, a qual era vista como excessivamente bacharelesca e inadequada à demanda da nova sociedade que se estruturava. Segundo ele, o sistema educacional em vigência e que atendia à sociedade escravocrata, precisava ser substituído por métodos e conteúdos renovados.

Outro mérito da contribuição de Tito Livio é o deslocamento da função principal da mulher na sociedade. Ele questiona o axioma de que "*a mulher deve ser unicamente procriadora*" (p.318)

Era crença difundida de que a educação da mulher levaria à "dissolução da família". Tito Livio questiona esta assertiva.

" A família e a sociedade são organizações que coexistem no tempo e no espaço. Não é possível existir cada uma dessas organizações sustentada por um sexo porque esses próprios sexos só podem viver, só podem existir associados, só podem coexistir. A sociedade não é lugar só do homem, a família não é lugar só da mulher. A sociedade é uma determinação da evolução mental e não da evolução testicular; a família é uma determinação da evolução mental e não da evolução ovária" (CASTRO p. 338)

As transformações sócio-econômicas provocam um natural desenvolvimento das concepções de mundo, e com relação a qual a mulher corre o risco de distanciar-se cada vez mais permanecendo com uma mentalidade obtusa descolada dos novos tempos. Tito Lívio refere-se, fundamentalmente, à mulher burguesa para a qual, nascida em uma atmosfera de opulência, a vida seria a monotonia da ociosidade.

" Para ela a vida será a monomania sexual; viver pelo homem e para o homem, viver pelo sexo e para o sexo, viver para uma função, viver para ser menos que um organismo, para ser um órgão. A vida da mulher passar-se-á na estreita esfera da ecotomania. Por todos os motivos a educação da mulher se impõe sempre como uma necessidade, é um interesse geral. O estado actual é insustentável. A educação feminina actual (chamamos educação porque falta-nos um termo apropriado) é nociva, imensamente nociva à sociedade." (CASTRO p. 352)

No caso da mulher proletária sua expulsão do sistema industrial pela maquinaria *"a vida será a miséria, a morte fora da prostituição, a morte na prostituição"*(p.35)

Segundo Tito Livio a transformação da sociedade depende do processo de integração da mulher ao sistema produtivo, retirando-a da posição de entrave ao processo de desenvolvimento. *"A mulher é um elemento conservador, coercitivo, uma força estática que pode e deve ser transformada na dinâmica de interesse geral, na evolução"* ( CASTRO p.354)

Embora eivada de posições contraditórias, de modo geral esta é a maneira dominante com a qual a mulher emergiu no século XX. Entretanto, esta não atingiu este patamar sem superar, ou pelo menos marginalizar, outras formas de encarar este papel.

Neste sentido, para expressar esta multiplicidade de pontos de vista escolhemos uma publicação que se constitui de uma coletânea de "manifestações" elaboradas por ocasião da inauguração da aula noturna para o sexo feminino do "Liceu de Artes e Ofícios", em 1881, no Rio de Janeiro. Este estabelecimento de ensino foi fundado e era dirigido por Francisco Joaquim Bithencourt da Silva. Era um estabelecimento particular e os professores nele ministravam aulas sem remuneração alguma. Nesta "Polyantheia" mais de uma centena de intelectuais manifestaram-se ( em até 20 linhas) sobre a educação para mulheres.<sup>4</sup>

Não resta dúvida que as últimas décadas do século XIX estão marcadas, em termos ideológicos, no Brasil, pela consolidação da cosmovisão positivista.

O positivismo caracteriza-se por uma interpretação do papel da mulher na sociedade, de certa forma, contraditória. Ao mesmo tempo que lhe atribui um papel singular, em termos de destinar à mulher o papel de

<sup>4</sup> As citações dos trabalhos apresentados nesta "Polyantheia" serão feitos com o nome do autor e da página

"formadora" da nova sociedade, também destina-a a uma vida reclusa ao lar, isto é, petrifica-se uma divisão sexual do trabalho onde à mulher era destinada uma função acentuadamente "moralizadora" enquanto que ao homem cabia enfrentar as dificuldades oriundas das atividades exógenas "ao lar".

Na "Polyantheia" grande é o número de autores que implícita, ou explicitamente, ao se pronunciarem com relação à educação da mulher, fazem-no sob uma ótica eminentemente positivista.

"...

Reuna o positivismo  
ou o ideal, embora,  
o teu clarão, aurora !  
A iluminar seduz.

As mulheres do povo  
as mães que no futuro  
darão fulgor seguro  
as novas gerações,  
vão conquistar sem penas,  
luz ! crença! (o paraíso!)  
e encher de esperança e riso  
os tristes corações !

Hoje não se olha o Eterno  
nem mesmo já se espera,  
mas sempre, altivo, impera  
o doce, o santo amor !  
decoram imitando  
Littré, Darwin e Comte;  
e a Caridade, a fonte  
do bem, vê sem temor"  
(Adelina A. Lopes Vieira, p. 9)

Um aspecto sobre o qual o positivismo apresenta-se de certa forma intransigente é o de que a necessidade de instrução para as mulheres não devia se constituir em instrumento que possibilitasse à mulher desempenhar outras atividades que não às inerentes à sua função no lar.

"Como incitamento para os nobres e delicadíssimos encargos sociais, cumpre à mulher ilustrar e exercitar suas faculdades intelectuais. Se,

porém, afastar-se ela de seu objetivo, isto é, de educadora no santuário do lar doméstico, jamais ter-se-á a mulher - mãe -. Incutir-se um princípio desorganizador no espírito feminino, tal como o ensino profissional, próprio do homem, é não mostrar-se sabedor das leis positivas que regem a sociedade e a cada um de seus membros." (Rubem Tavares, p. 14)

Este posicionamento é referendado pela contribuição de Teixeira Mendes (Apostolado Positivista)<sup>5</sup> que tipifica muito bem o posicionamento comtiano com relação às consequências da educação inapropriada à mulher.

"Entre as aberrações monstruosas a que tem dado lugar uma concepção anti-científica do progresso, nenhuma deve mais alarmar os corações patrióticos do que a pretensão de criar na mulher um concorrente ao homem, abrindo-lhe o livre acesso das mesmas profissões industriais e científicas. O perigo é tanto maior quanto se apela, consciente ou inconscientemente, para os estímulos inferiores da natureza humana, - a cobiça, o orgulho, a vaidade, - comprimindo o que há de mais nobre em nosso coração, - o apego, a veneração, o amor universal, - a pretexto de melhorar a condição feminina nas sociedades modernas. Ergue-se por esta forma um mundo de rivalidades entre os dois sexos, cuja consequência será a degradação feminina pelo cultivo direto desses instintos egoístas e a compreensão continua desses moveis altruístas. A essa degradação fatal seguir-se-á o maior embrutecimento do homem pelos atritos de uma luta inevitável e por insuficiência da ação moralizadora da mulher. E desses homens depravados e destas mulheres decaídas só poderá provir uma geração abastardada pela fixação na espécie dos vícios adquiridos por tais antepassados." (R. Teixeira Mendes, p. 28)

Esta divisão de atividades, por vezes, é justamente uma questão de caráter moral, onde atribui-se um caráter "pecaminoso" ao fato da mulher "abandonar o lar" na realização de atividades "naturalmente" destinadas ao gênero masculino. Esta ousadia terá como consequência "lógica" a desagregação familiar.

"Educai a mulher tanto quanto seja preciso para fazer dela uma boa mãe de família a mais sólida base do progresso da humanidade.

<sup>5</sup> Fizemos questão de colocar em nossa amostragem dos trabalhos de autores positivistas que contribuíram para a "Polyanthéa" os dois maiores expoentes do "Apostolado Positivista" no Brasil no final do século XIX - Miguel Lemos e Teixeira Mendes.

No dia em que a mulher deixar cair às portas do lar as angelicas asas, sob cujo calor se deverão abrigar os inocentes filhinhos, para correr em busca das vitórias da ciência, apagará a aureola fulgente que a tornava Santa e Venerada.

E quando, cansada das fadigas, vencida na luta, voltar ao lar doméstico, este será deserto, mudo, e a sua solidão e a sua mudez a farão reconhecer que, aprendendo muitas coisas que devia ignorar, desapareceu aquela que nunca deveria esquecer: a ciência das mães." ( Dr. Moreira Sampaio, p. 30)

Para finalizar esta amostragem dos autores positivistas vejamos alguns excertos da contribuição de Miguel Lemos expoente máximo desta corrente no Brasil.

" Formar o homem é a função normal da mulher. A sua instrução , deverá sempre ser instituída tendo em vista este alto destino, que só pode realizar-se no lar. Libertar a mulher da oficina e do trabalho exterior, tal deve ser a condição necessária de qualquer plano que tenha por fim fornecer às nossas companheiras uma instrução equivalente à nossa.

A marcha da civilização nos mostra, que à medida que avançamos, duas necessidades conexas se fazem sentir cada vez mais: dar à mulher uma instrução geral comum aos homens, faze-la rainha do lar doméstico, educadora e moralizadora do homem.

Nada há mais chimerico do que certas doutrinas hoje em voga sobre a igualdade mal entendida do homem e da mulher; nada mais desmoralizador do que lançar a mulher na concorrência industrial com o homem. Ser mãe e esposa é quanto basta à sua glória, à felicidade sua e nossa."

( Miguel Lemos,p. 74)

Um posicionamento distinto bastante difundido , apesar de incorporar algumas concepções positivistas, sobre a mulher é aquele que procura caracterizar o papel da mulher eminentemente como "esposa, mãe e filha". Estrutura-se uma concepção conservadora, que enfatiza, de certa forma, a função procriadora da mulher e o seu papel submisso ao homem numa clara assunção ultramontana de inspiração "são paulina".

A instrução configura-se como algo positivo enquanto reforça a subjetividade direcionada ao papel de esposa, filha e mãe. É para o bom exercício destas funções que devia a educação das mulheres dedicar-se.

" ...

Esposa, filha e mãe- sincera e amante,  
Só ela é quem por nós de amor constante  
Padece sem cessar!  
Ou na viva alegria, ou na amargura,  
É somente a mulher toda a doçura  
No bem do nosso lar!..

Em paga, pois, da dívida sagrada,  
Que por nós contraiu - predestinada  
Em toda a geração,  
Veja ela na luz que hoje lhe damos,  
A prova desse amor que lhe votamos,  
Na sua educação!..  
(L. M. Pecegueiro)

Este aspecto que reiteradas vezes aparece na "Polyantheia" possui, por vezes, uma conotação bem específica caracterizando o que se entende por uma "boa" mãe, filha ou esposa.

"...Filha, esposa e mãe, eis as perolas mais preciosas da sua coroa neste mundo. Mas, para que a filha seja obediente, a esposa fiel e a mãe exemplar - cumpre desenvolver a sua inteligência pela instrução e formar o seu espírito pela educação

(Antonio Manuel dos Reis, p. 19)

Da mesma forma assim se manifesta outro autor:

"...Quando o homem a colocou a seu lado na jornada da existência, sublimando e divinizando o amor e cultivando o sentimento da família, a mulher santificou-se pela virtude, e tornou-se a esposa e a mãe: esposa, flor mimosa cujo perfume só podem sentir as almas nobres e sensíveis, ainda não poluídas pelo vício, agora disfarçado em impudente realismo; mãe, transunto de dor e sacrifício pelo filho querido em quem imprime, com o amor materno, o caracter, que há de acentuar os seus atos na vida social. ...

(Dr. Amaro Ferreira Das Neves Armond, p. 81)

No papel de mãe, filha e esposa frequentemente a instrução é vista como uma forma de com a razão restringir "impulsos" oriundos de sua "natureza sentimental"



" Os desvios da mulher perante as leis sociais devem ser atribuídos na maior parte dos casos, à sua falta de cultura intelectual.

Aos arroubos de um coração em extremo sensível e de uma ardente imaginação convêm pois, que se anteponha o culto da razão."

(Laurentina Netto, p. 11)

De modo geral nesta visão tradicional, apesar de enfatizar a necessidade de educação da mulher, o objetivo ainda é o homem.

"A base fundamental do engrandecimento de uma nação deve ser a instrução do homem.

A nação que cuidar de instruir a mulher terá caminhado muito para a instrução daquele e portanto para o seu engrandecimento.

(Guilhermina de Azambuja Neves, p. 34)

Um aspecto que se faz presente em muitas "manifestações", e de certa forma de origem também positivista, é a ênfase dada à distinção entre instrução e educação. Atribui-se uma importância maior à educação presumindo sob este aspecto um carácter relativo à instrução.

"Instruir o espírito sem educar o coração é aumentar a aptidão do homem para o mal; pelo contrário cultivar a inteligência depois de inocular na alma o sentimento do bem, é aumentar-lhe a aptidão para o bem"

(Lino de Almeida, p.35)

É interessante notar que, independentemente dos posicionamentos ideológicos, observa-se no papel da educação da mulher um fator de mudança social: "*Educar, instruir, esclarecer a mulher é o primeiro passo para reformar a sociedade*" (Anna Machado Nunes Penna, p. 10)

É natural em um país de formação ocidental cristã como o Brasil do século XIX que ocorra uma vinculação desta ideologia à necessidade de educação da mulher. Procura-se assim em parâmetros evangélicos a justificativa para tal empreendimento.

Configura-se, assim, uma outra mundividência que se despe do positivismo ficando apenas com uma corrente católica vinculada ao regalismo baseada, a rigor, em um "pietismo secular".

" A educação intelectual da mulher, presentemente considerada como indeclinável obrigação social, é o complemento da santa doutrina do

Divino Mestre, cujos lábios não se abriram nunca senão para ensinar ao homem o amor do próximo, para exaltar os humildes e defender os fracos.

Foi, em verdade, do Evangelho que se refletiu para a mulher a cintilante auréola que lhe cinge a fronte na sociedade moderna.

Foi Jesus que levantou-a do aviltamento a que tinham arrojado o egoísmo e a ignorância das antigas gerações; e desde então deixou a mulher de ser escrava, para tornar-se a companheira do homem. ...

(C. A. de Sá, p. 36)

da mesma forma assim se manifesta o Dr. Fernando Mendes (p.93)

" O Lyceo de Artes e officios, empreendendo a educação da mulher, tomou sobre seus ombros difficilima tarefa. Chegará todavia ao alvo a que se propõe se não esquecer que a base da educação é o temor de Deus; é a religião."

A par de muitos autores que atribuem à Igreja o papel de dignificação da mulher muitos outros interpretam esta relação de modo totalmente inverso. Consolidou-se em muitos lugares centros de difusão ideológica tipicamente anti-clericais e em muitos casos anti-religiosos. Tal mundividência atribuem ao aparelho ideológico religioso a situação da mulher em um segundo plano. Na "Polyanthéa" pode ser representado por Castro Fonseca:

"ANTITHESE

-Donde vens tu, mulher, como a desgraça esqualida?

Que precoce velhice a tua fronte alveja!

Quem és tu? donde vens, ó misera, tão palida?

-Eu sou a ignorância, e venho de uma igreja!

-E tu, bela mulher, rosada, alegre e pura,

Que ostentas no semblante a seiva das corolas,

Quem és tu? donde vens, possante criatura?

-Eu sou a educação, e venho das escolas! "

(Castro Fonseca, p.45)

Não resta dúvida que as últimas décadas do século XIX foram férteis em idéias que contribuíram para consolidar o processo de expansão dos papéis sociais desempenhados pela mulher.

A verdadeira revolução verifica-se na ampliação do sentido do que se entendia por trabalho. Em outras palavras, a atividade laboral perde paulatinamente a conotação negativa, que até então possuía, e aliada a esta transformação ocorre a ampliação da atividade feminina na sociedade extrapolando o nível doméstico.

Associada a esta transformação ocorre uma vinculação entre educação e trabalho direcionada ao sexo feminino. A educação é vista como um instrumento necessário à ampliação do trabalho feminino.

A idéia é de que a educação feminina não deve constituir apenas uma forma de ilustração deletéria destinada a propiciar oportunidade de "brilho" às mulheres nas reuniões sociais. A educação consistiria basicamente em um "envernizamento intelectual".

"Entristece-me ver uma senhora  
Formosa, mas obtusa. Seja embora  
Simplesmente simpática;  
Saiba, porém, um pouco de gramática.  
Quando entrar numa sala  
A todos saiba dirigir a fala  
Analise toilettes  
Mas, como, além de agulhas e alfinetes,  
Alguma coisa o mundo tem, palestre  
Sobre estes três assuntos:  
Ciências, artes e literatura.  
Um livro embora mau é sempre um mestre  
Escolhida leitura  
Pode espirito dar, mesmo a defuntos !"  
(Arthur Azevedo, p. 40)

Outros autores entendem que a educação da mulher precisa ter uma concepção mais ampliada da que aquela que a concebe como um "bibelô social"

" ...  
Tudo isso terá fim, no dia em que a mulher  
Em vez de Belo sexo - enfeite de salão  
Quiser ser só mulher - quiser ser e souber  
E o dia se aproxima!... Eu diviso o clarão  
Das nuvens através d'argento e rosicler  
Do sol desse almo dia - o sol da educação"  
(Rangel de S. Paio, p. 15)

O aspecto importante é a ênfase no caráter de profissionalização da mulher, possibilitando a atuação feminina em atividades até então apenas desempenhadas por homens.

" Nas mais antigas tradições e na própria natureza da mulher fundamenta-se a educação profissional a que tem direito. Poderosíssimo auxiliar de há muito empregado pela moral e pela religião sua eficácia no aperfeiçoamento da humanidade é demonstrada exuberantemente pela ciência moderna" (T. das N. Leão, p. 24)

O aspecto de emancipação da mulher através da educação profissional é uma constante nos autores de "mentalidade mais aberta"

"Cuidar da instrução é digno de louvor; cuidar da educação profissional é bem merecer da Pátria; mas cuidar de preparar e fornecer à mulher instrução elementar e educação artística e profissional; isso é belo, é grandioso, é sublime; porque realisa praticamente a emancipação da mulher, tornando-a capaz de subsistir por si só; o que constitui a verdadeira emancipação: é a moralização, a dignificação, a elevação pelo trabalho."

(A. Pinheiro Guedes, p.82)

Um exemplo de ampla visão do processo de emancipação da mulher é a que vincula esta à própria relação de igualdade entre os gêneros.

"A mulher emancipada; o homem será um ser livre.  
E a educação, emancipará a mulher; como a revolução  
sagrará a liberdade desse homem.  
Quem diz emancipação, diz - independência,  
liberdade, igualdade e responsabilidade.  
Uma consciência com a vida moral.  
Enquanto a mulher se curvar a um jugo;  
o homem será esmagado por todos os jugos"  
(Hugo Leal, p. 56)

Para finalizar esta amostra das manifestações da polyantheia vejamos um parágrafo de Jacinto Cardoso da Silva

" Há dezenove séculos que o cristianismo se abona de haver trazido ao mundo a redenção da mulher; e durante dezenove séculos a mulher tem continuado a ser a mesma escrava dos séculos pagãos ! Educado o seu espírito na frivolidade, na vaidade e na mentira; deserdada de todas as conquistas que glorificam o espírito humano

na grande cruzada da ciência contra a ignorância; despojada de todos os princípios que lhe podiam iluminar o entendimento e moderar a sensibilidade, a mulher foi declarada incapaz de graves pensamentos e serios encargos. Esbulharam-na dos seus direitos de cidadã; negaram-lhe todos os meios de independência; sufocaram-lhe a consciência do próprio valor e a confiança nas forças; converteram-na em um idolo, so adorado pela beleza da forma que deslumbra, e ergueram-lhe um altar, onde lhe alucinam os sentidos com um incenso de corrupção, consagrado - generosamente - ao seu culto sensual uma parte dos tesouros de que haviam defraudado. E ela ... tem respondido à injustiça dos seus opressores aceitando resignada o papel de protegida que lhe foi distribuido na sociedade; derramando, apesar de tudo, os tesouros de sua alma inexaurível, e levando a consolação e o conforto onde quer que a chamam os gemidos dos seus protetores - algozes. "(p. 65)

## Conclusões

A partir dos trabalhos apresentados podemos constatar a riqueza ideológica em termos de postura intelectual com relação à educação da mulher ao final do século XIX.

Não há dúvidas que, de todas as concepções sociais, a positivista foi a que maior influência exerceu no período. Isto ocorreu tanto diretamente pela própria teoria quanto por influência desempenhada em outras concepções sociais.

Assim, observa-se que com relação à educação diferenciada por gênero, apesar da crítica que se fazia à exclusão do feminino do direito à instrução/educação, a maioria das correntes de pensamento, em consonância com a consciência coletiva da época, propugnava um tipo de educação para a mulher caracterizado pela exclusão.

Na verdade, o processo educacional no Brasil sempre apresentou tendência a uma educação diferenciada, se não oficialmente, pelo menos decorrente da impregnação de uma concepção social em que se atribui específica divisão sexual da educação. Por exemplo atribuindo ao sexo masculino áreas ditas "científicas" e ao feminino "áreas humanísticas".

Parece lógico supor que a solidificação deste pré-conceito ocorreu no Brasil no final do século XIX, quando das transformações ocorridas nos agentes de produção, principalmente da força de trabalho. Antes da abolição da escravatura foi necessário uma transformação ideológica com relação ao trabalho que o identificasse também como coisa de branco.

Entretanto, esta identificação apresentou-se recheada de discriminação, mormente racial e sexual.

Como resultado da disputa entre os vários projetos ideológicos foi a construção de um processo de limitação do espaço público à mulher, com raras exceções, como foi o caso do exercício do magistério primário, consubstanciado em um aparato ideológico oriundo, principalmente, de elementos conservadores do agnosticismo crítico, do positivismo ortodoxo, da escolástica e do utilitarismo pedagógico.

Uma boa compreensão das lutas ideológicas daquele período constitui-se condição necessária para a compreensão do presente.

## Referências Bibliográficas

- \*ABREU, Luciana Teixeira de. Educação das mães de família in **Revista do Partenon Literário**, P. Alegre, Tip. do Constitucional, 1873.
- ALMEIDA, José Ricardo Pires de. **Histoire de L'Instruction Publique au Brésil (1500-1889) - Histoire et Legislation**. Rio de Janeiro, Leuzinger, 1889.
- \*AZEVEDO, Josefina Alvares de. A mulher moderna - **Trabalhos de Propaganda**. Rio de Janeiro, Typ. Montenegro, 1891.
- BARRETO, Tobias. A alma da mulher in **Estudos Alemães**, Rio de Janeiro, Pongetti, 1926.
- BARRETO, Vicente & PAIM, Antonio. **Evolução do pensamento político Brasileiro**, Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo:Ed. da Universidade de São Paulo, 1989
- CASTRO, Tito Livio de. **A mulher e a sociogenese**, Lisboa, Francisco Alves, 1892.
- COSTA, João Cruz. **Contribuição à história das idéias no Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.
- GUIMARÃES, Pinheiro. **O Ensino Público**, Rio de Janeiro, Typ. do Jornal do commercio, 1907.
- FLORESTA, Nísia. **Opúsculo Humanitário**, São Paulo, Cortez, 1989

- HAHNER, June E. **A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- MOACYR, Primitivo. **A instrução e o Império**, São Paulo, Nacional, 1936.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- POLYANTHEA comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino do Imperial Lyceo de Artes e Offícios, Rio de Janeiro, 1881 ✱
- PRIORE, Mary del. **A mulher na história do Brasil**. São Paulo, Contexto, 1992. ✱
- SAFFIOTI, Heleieth T. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Petrópolis, Vozes, 1979.
- TAMBARA, Elomar. **Positivismo e educação**, Pelotas, Editora Universitária, 1995.
- TELES, Maria Amélia de Almeida. **Breve história do feminismo no Brasil**. S. Paulo, Brasiliense, 1993. ✱
- VILLEROY, Frederico Ernesto Estrela de. **A missão da mulher**. Porto Alegre, Imprensa Literária, 1877.